

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

# HISTÓRIA

### QUESTÕES CULTURAIS E IDENTITÁRIAS NA GUIANA BRITÂNICA

<sup>1</sup> Carlo Maurizio Romani (Orientador); <sup>2</sup> Rodrigo Martins Enes (IC-UNIRIO); <sup>3</sup> Gabriel Vecchietti Salvaterra Dutra (CNPq); <sup>4</sup> Carlos Eduardo Ramos Barbosa (CNPq)

1 - Departamento de Ciências Humanas e Sociais; Escola de História; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

2 - Departamento de Ciências Humanas e Sociais; Escola de História; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

3 - Departamento de Ciências Humanas e Sociais; Escola de História; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

4 - Departamento de Ciências Humanas e Sociais; Escola de História; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apoio financeiro: IC-UNIRIO

Palavras-chave: Guiana Britânica; imperialismo; cultura.

### INTRODUÇÃO

As Guianas, nome geral denominado pelos colonizadores europeus para todas as terras costeiras entre os deltas dos rios Orenoco e Amazonas, apresentaram durante séculos uma série de conflitos proveniente do amplo interesse expansionista no território, o que gerou divisões em diversos setores: Guiana Espanhola, Francesa, Inglesa, Holandesa, Portuguesa (posteriormente Brasileira). Portanto, abarcando o caso específico da Guiana Inglesa, este trabalho trata de um fenômeno contemporâneo bastante conhecido – o imperialismo –, porém, partindo de uma perspectiva ainda bem pouco estudada: da relação entre os povos locais e os Estados Nacionais. O imperialismo foi temática de estudo de diversos autores, possuindo um largo debate historiográfico e múltiplas abordagens. Em “A era dos impérios”, Eric Hobsbawm expõe a criação de um novo tipo de imperialismo, existente, segundo o autor, entre 1875 e 1914. Para Hobsbawm é inegável as raízes econômicas do imperialismo, a relação do fenômeno com a expansão capitalista, que beneficiava economicamente os países imperiais a partir da exploração das áreas tidas como atrasadas. Hannah Arendt, em “Origens do totalitarismo”, interpretou o período imperialista como uma época de emancipação política da burguesia, sendo o objetivo político supremo e permanente a expansão. No entanto, é principalmente em “Cultura e imperialismo”, de Edward Said, que encontramos uma abordagem do imperialismo não tão calcada nas questões econômicas, mas sim nas relações interculturais, entrando no ponto chave dessa pesquisa: o olhar do colonizador sobre o colonizado em contexto de expansão. Para poder governar, controlar e tirar proveito de territórios e povos distantes se requer todo um princípio ideológico e cultural que reproduza os nativos como indivíduos a serem dirigidos e governados. Em grande parte, como mostra Said, os projetos imperialistas sustentam-se no pressuposto de atraso e inaptidão dos nativos em serem independentes, uma retórica de “missão civilizatória”, em que os colonizadores têm uma obrigação para com os nativos de não fazê-los cair na sua própria corrupção e subdesenvolvimento.

### OBJETIVO

Este projeto tem como objetivo estudar o imperialismo no caso específico da Guiana Inglesa, principalmente durante o século XIX, adentrando mais ao interior da Guiana e as implicações culturais e identitárias estabelecidas pelo contato e embate com os nativos, assim como o discurso e o olhar dos colonizadores sobre eles. Para isso, é fundamental perceber a maneira que a cultura nacional inglesa mantinha a hegemonia nas periferias, e o próprio fator da representação como elemento da cultura. Os impérios necessitam de um molde de ideias para poder se introduzir em outros territórios. Portanto, esta pesquisa pretende estudar a relação entre os nativos, o homem branco e as instituições de autoridade, buscando compreender o elemento cultural dentro do jogo de interesses e de representatividade em contexto de expansão imperialista.

### METODOLOGIA

Para a constituição da pesquisa foram utilizadas diversas literaturas contemporâneas relacionadas à questão do imperialismo, da Guiana e da compreensão inglesa sobre a cultura local, além da consulta de documentos de época guardados na Biblioteca do Itamaraty. Sendo assim, a metodologia utilizada condiz à leitura de artigos e livros essenciais para compreender o imperialismo na Guiana, tendo contato com os documentos da época e as formas de representação do outro, para então chegarmos às interpretações e aplicações. Ressaltamos que este trabalho de leituras deveria ser complementado com a pesquisa nas fontes das séries Limites e Consulares existentes no Arquivo do Itamaraty. Contudo o arquivo encontra-se fechado para reforma e remeteremos essa pesquisa para a segunda etapa da pesquisa.

### RESULTADOS

Durante o ano que estive pesquisando, mantive contato com uma vasta quantidade de livros e artigos relacionados ao tema da pesquisa, além de diversas fontes consultadas na Biblioteca do Itamaraty. Com isso, foi possível fazer análises, estabelecer relações, ver a representação do outro e vincular as narrativas às ideias e experiências em que ela se apoia. Por meio desses documentos, que partem de tentativas de representantes da metrópole em criar uma história da Guiana, ou descrever experiências de exploração, transborda a representação sobre o elemento cultural e a invenção e desqualificação dos nativos como meio de legitimação do poder britânico. Nestes documentos, há recorrentemente a tentativa de relatar os povos que lá se encontravam e o papel da metrópole com relação aos nativos, apresentando relatos sobre o modo de vida indígena, suas formas de habitação, alimentação, divisão do trabalho e características físicas. No documento chamado

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

"Illustrated history of British Guiana", do George W. Bennet, por exemplo, o autor coloca a sua intenção de mostrar o importante trabalho realizado no interior do território, assim como o florescimento e a prosperidade levada pela colonização britânica. Além disso, Bennet traz importantes informações sobre os povos indígenas presentes na Guiana, que segundo ele são: os Arawaaks, Warraus, Caribs ou Caribisi, Acawais ou Waccawaios Macusis, Arécunas, Wapisianas, Atoais ou Atoarias e os Woyawais. É comum se deparar em alguns relatos com uma codificação da diferença, com esquemas evolucionários indo das raças primitivas, passando pelas submetidas, até por fim chegar aos povos superiores e civilizados. Fica clara a tendência de elaborar representações culturais estrangeiras de forma a melhor dominá-las ou controlá-las.

### CONCLUSÃO

Ao estudar o imperialismo na Guiana Britânica pelo viés cultural, percebe-se a pretensão de codificar tudo o que pertencia ao mundo não Europeu no século XIX, ocorrendo por parte do império britânico uma forte imaginação e formulação do que era a Guiana. Os documentos da biblioteca do Itamaraty evidenciaram bastante esse aspecto, tendo uma vasta quantidade de escritos tentando descrever a natureza do local, o clima, os habitantes e seus costumes. Essa tentativa incessante de representar o não Europeu tem tudo a ver com manutenção do poder e sua imposição através dos oceanos. O imperialismo, ao colonizar e controlar terras habitadas por outros, atrelou potentes formações ideológicas que dividiam "nós" e "eles", "civilizado" e "selvagem".

### REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hanna. As origens do totalitarismo, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX. São Paulo: Contexto, 1996.
- BAINES, Stephen. Políticas indigenistas e a fronteira Guiana-Brasil. In Adilson BRITO, Carlo ROMANI e Carlos BASTOS (org.) Limites Fluentes. Fronteiras e identidades na América Latina (Séculos XVIII-XXI). Curitiba: CRV, 2013.
- BARBOSA, Reinaldo; FERREIRA Efrem. Historiografia das expedições científicas e exploratórias no vale do Rio Branco. Disponível em: [http://agroeco.inpa.gov.br/reinaldo/RIBarbosa\\_ProdCient\\_Usu\\_Visitantes/1997\\_1998ExpCientRR\\_Mono.pdf](http://agroeco.inpa.gov.br/reinaldo/RIBarbosa_ProdCient_Usu_Visitantes/1997_1998ExpCientRR_Mono.pdf)
- BURNETT, Graham. Exploration, performance, alliance: Robert Schomburgk in British Guiana. Disponível em: [https://www.princeton.edu/history/people/data/d/dburnett/profile/dgbpdfs/BurnettDG\\_ExplorationPerformanceAlliance\\_JCaribbeanStudies\\_2000.pdf](https://www.princeton.edu/history/people/data/d/dburnett/profile/dgbpdfs/BurnettDG_ExplorationPerformanceAlliance_JCaribbeanStudies_2000.pdf)
- JOHN-MACLISTE, Michael. Edward Angelo Goodall (1819-1908): An artist's travels in British Guiana and the Crimea. Disponível em: <http://www.bl.uk/ebj/2010articles/article5.html>
- MARTINS, José. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. São Paulo: USP, 1996.
- MENCK, José Theodoro Mascarenhas. A questão do Rio Pirara (1829-1904). Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.
- ROMANI, Carlo. Algumas Geografias sobre a fronteira franco-brasileira. Ateliê Geográfico, UFG/IESA, Goiânia, vol. 2 n. 3, 2008.
- ROMANI, Carlo. Missões científicas, imperialismo e política externa nas fronteiras com as Guianas. In Adilson BRITO, Carlo ROMANI e Carlos BASTOS (org.) Limites Fluentes. Fronteiras e identidades na América Latina (Séculos XVIII-XXI). Curitiba: CRV, 2013.
- SAID, Edward. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SAID, Edward. Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- WHITEHEAD, Neil. Carib ethnic soldiering in Venezuela, the Guianas, and the Antilles, 1492-1820, Ethnohistory, Vol. 37, N. 4. (Autumn, 1990), pp. 357-385.